

AS POSSIBILIDADES DE APRENDER NA VELHICE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES IDOSAS FORMADAS PELA UAMA

Verbena Santos Araújo (1); Eliane Santos Cavalcante (2); Lannuzya Veríssimo e Oliveira (3);
Maria Djair Dias (4)

(1) Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – verbena.bio.enf@hotmail.com; (2) Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – elianeufrn@hotmail.com; (3) Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – lannuzyacg@hotmail.com; (4) Universidade Federal da Paraíba – mariadjairdias@gmail.com

RESUMO: Objetivou-se conhecer as representações sociais sobre as possibilidades de aprender na velhice, construídas por idosas egressas da UAMA/UEPB. Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa realizado com 20 idosas. A coleta dos dados foi realizada nos meses de outubro a dezembro de 2014. Todo material empírico foi submetido a análise textual. Os resultados apontaram que formação oferecida pela UAMA foi um divisor de águas na vida dessas mulheres, ao referirem que o curso mudou seus mundos e fazendo-as pessoas melhores, inferindo que o fato de participarem de atividades pedagógicas que lhes proporcionassem maior conhecimento sobre o processo de envelhecimento humano foi de extrema valia, auxiliando-as a enfrentar os problemas e necessidades dessa etapa de vida conscientemente, lhes proporcionando liberdade de pensamento, reconhecimento de potencialidades e capacidades resilientes, introduzindo-as num mundo de descobertas e reinserção social e acima de tudo ajudando-as a reinventar a velhice e enfrentar de maneira mais positiva os acontecimentos oriundos do processo de envelhecimento humano e suas consequências. As representações sociais do aprender na velhice, inferidas pelas idosas sinalizaram posicionamentos positivos em relação a conceitos e condutas que regem as ações de cuidado, levando a atitudes e reações apropriadas, a um estilo de velhice saudável, demonstrando assim a necessidade de se integrar ações educativas em todos os projetos sociais voltados aos idosos, criação de políticas públicas que assegurem esse movimento de troca e de aprendizado mais direcionado e reificado, que atenda às necessidades dos idosos, perante suas limitações, perdas e condições de saúde.

Palavras chaves: Envelhecimento, idosas, educação, cuidado, enfermagem.

INTRODUÇÃO:

No Brasil, segundo corte definido pela Organização Mundial de Saúde, assim como para os países subdesenvolvidos ou em via de desenvolvimento, considera-se idosa aquela pessoa com 60 anos de idade ou mais, porém não se pode e nem se deve esquecer que a velhice possui diversas faces, sobretudo numa sociedade como a nossa que é

fundamentalmente marcada pela desigualdade social, onde há uma exorbitante concentração de renda e conseqüente mente um alto índice de pobreza (SILVA, 2005).

O Ministério da Saúde afirma que o envelhecimento populacional é uma resposta à mudança de alguns indicadores de saúde, especialmente no tocante a queda da fecundidade e da mortalidade e o aumento da

expectativa de vida. Essa perspectiva não é homogênea para todos os seres humanos, sofrendo influência dos processos de discriminação e exclusão associados ao gênero, à etnia, ao racismo, às condições sociais e econômicas, à região geográfica de origem e à localização de moradia (BRASIL, 2006).

De acordo com dados do IBGE, havia no Brasil, em 2002, cerca de 16 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, representando 9,3% da população e a sua estimativa para o ano de 2025 equivale a 15% de idosos da população total, correspondendo aproximadamente a 30 milhões (SILVA, 2005).

O Brasil hoje é um jovem país de cabelos grisalhos, que vive o fato do envelhecimento não ser mais sinônimo de adoecimento, atualmente há subsídios para a melhoria na qualidade de vida dos idosos, que adentram a terceira idade de forma saudável, e não cheios de doenças típicas, como outrora acontecia. Para tanto, os “velhos de cabelos brancos” necessitam de um apoio mais intensificado para que possam chegar a esta etapa de vida da melhor forma possível, ou seja, de uma forma mais digna e isso pode ser encarado como meta, quando passa a se pensar no idoso de maneira holística.

Segundo Smeltzer e Bare (2006), O envelhecimento é uma ocorrência normal que engloba todas as experiências de vida, então, o cuidado e as preocupações com os idosos não podem ser limitados a uma única disciplina ou profissional, porém são mais bem fornecidos através de um esforço de cooperação. Então, os profissionais de saúde deverão ser desafiados a idealizar estratégias que abordem a maior prevalência da doença dentro da população idosa, e a educação voltada para um envelhecimento saudável é efetivamente uma excelente opção.

A velhice não tira do ser humano sua importância em relação aos demais cidadãos perante a sociedade, porém o caráter débil e a falta de respeito aos direitos humanos e sociais no Brasil colocam os idosos numa posição crítica, uma vez que são maiores e específicos nesta fase etária da vida (ARAÚJO, 2010).

Atualmente o aumento da população idosa constitui tema de debate entre pesquisadores, gestores sociais e políticos de vários países do mundo. De fato, a população brasileira vem envelhecendo de forma rápida, mudando assim a estrutura da população, o que vem a ser conhecido por transição demográfica, ou seja, a reversão do quadro em que as taxas de fecundidade e mortalidade eram altas para outro com baixas taxas desses indicadores.

O processo de envelhecimento sem dúvida desencadeia o aumento de limitações de ordem biológica, em decorrência de fatores de natureza genética e ambiental. No entanto, ressaltados casos de patologias graves que comprometam funcionalidade física e mental, na velhice, é possível haver conservação de competências e habilidades intelectuais, bem como do funcionamento do ego. A acumulação de experiências permite a alguns idosos até mesmo alcançar elevado grau de especialização e domínio nos mais diversos campos de atividades humanas. Um domínio em que os mais velhos podem, de fato, destacar-se, graças ao acúmulo de informações e experiências é o fato de narrar, interpretar o passado, bem como analisar o presente à luz da experiência pregressa (NERI, 2001).

Dessa forma, apesar de algumas perdas da capacidade de cada órgão pela velhice, não significa dizer que essa etapa de vida é a fase de falência e incapacidades para viver. Ou seja, a pessoa não necessita da totalidade de sua reserva funcional para viver bem e com qualidade. Por esse motivo a velhice não pode ser caracterizada como fase de doenças, uma vez que as doenças mais comuns da velhice são preveníveis, diagnosticáveis e tratáveis. Cada pessoa quando chega a ser idosa apresenta-se de forma única e singular as

transformações biológicas trazidas pelo envelhecimento (MARTINS et al, 2007).

Na verdade, o que está em jogo na velhice é a autonomia, ou seja, a capacidade de determinar e executar seus próprios desígnios. Qualquer pessoa que chegue aos sessenta, oitenta anos capaz de gerir sua própria vida e determinar quando, onde e como se darão suas as atividades de lazer, convívio social e trabalho (produção em algum nível) certamente será considerada uma pessoa saudável (RAMOS, 2003).

Existem programas educacionais, culturais e de lazer dirigidos aos idosos de uma relevância indiscutível, mas sabe-se que muitos idosos não se beneficiam destas atividades devido ao comprometimento de sua capacidade funcional. Isto se deve à relação estreita entre o próprio processo de envelhecimento e a maioria das doenças que acometem o indivíduo idoso (VERAS; CALDAS, 2004).

Assim, dar a real importância para a educação na velhice, certamente, é uma proposta viável para trabalhar os estigmas impostos pela sociedade e pelo próprio idoso em relação ao envelhecimento, mas não é qualquer tipo de educação que se direciona aos idosos que transformará essas concepções e lhes farão mudar de atitude e quebrar paradigmas.

Há necessidade de uma educação permanente, planejada e embasada num equilíbrio dinâmico entre duas vertentes, a primeira que é a imanência, ou seja, a expressão do idoso perante sua situação humana, seu cotidiano, o em relação ao que ocorre no seu círculo de vida privada, nos afazeres domésticos, hábitos e tradições culturais, enfim na incontestável dimensão de percalços e de sombras que assolam o envelhecimento e a transcendência, fato do idoso mostrar toda a segunda vertente, sua criatividade, sua capacidade de transformar obstáculos em possibilidades, de sonhar, de demudar-se em luz (SANTOS, 2010).

Portanto, a inclusão dos idosos em atividades que possam melhorar sua autoestima e transformar sua imagem, antes distorcida perante a sociedade precisa se tornar uma realidade legal no Brasil, visto que devido o rápido aumento do contingente dessa população que gerou nas últimas décadas uma considerável transformação em relação aos aspectos socioculturais, a partir de novos comportamentos e atitudes, antes considerados inapropriados para pessoas com idade mais avançada, como o retorno aos espaços escolares, tornou-se necessário a inclusão de políticas públicas que apoiem e subsidiem projetos dessa natureza, pois as que existem ainda são incipientes e insuficientes perante a demanda que é urgente.

Diante do exposto, objetivou-se conhecer a representação social sobre as possibilidades de aprender na velhice, construídas por idosas formadas pela UAMA, visto que através de ações efetivas de educação voltadas a terceira idade pode-se transformar o perfil e reinserir o idoso ao seu contexto social, melhorando significativamente sua qualidade de vida e autoestima.

METODOLOGIA:

Trata-se de estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, pautado na Teoria das Representações Sociais (10). O estudo foi realizado com 20 idosas egressas do Curso de Formação para o Envelhecimento Saudável da Universidade Aberta à Maturidade – UAMA/UEPB.

A amostra foi do tipo não probabilística, demarcada através do critério de saturação dos dados e, para a execução dessa pesquisa foram priorizados os seguintes critérios de inclusão: a) apresentar idade igual ou superior a 60 anos; b) Ser do gênero feminino; c) ter realizado a formação da UAMA/UEPB d) não possuir patologias que pudessem impossibilitar e/ou contraindicar a participação dos mesmos na produção dos dados; e) aceitar participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

A coleta dos dados foi operacionalizada nos meses de outubro a dezembro de 2014. Para tanto, foi respeitada a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisas envolvendo seres humanos e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa institucional do CCS/UFPB, através do parecer nº 612/10 (BRASIL, 2012).

Para compreender os significados e/ou dimensões atribuídos pelas mulheres idosas sobre as possibilidades de aprender na velhice aplicou-se um instrumento que continha a entrevista semiestruturada.

Os dados coletados foram submetidos a uma análise textual que contou com o auxílio do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Texte set de Questionnaires*), o qual auxiliou no processamento dos dados (RATINAUD, 2012).

A análise do material empírico foi realizada através de dedução da pesquisadora, a partir da elaboração de segmentos cognitivos ou miniteorias construídas pelas idosas em função das classes delimitadas pelos eixos formados, através do programa informático *IRAMUTEQ*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A classe formada pela Representação Social sobre as possibilidades de aprender na

velhice, construídas por idosas egressas do Curso de Educação para o Envelhecimento Saudável da Universidade Aberta à Maturidade – UAMA, foi composta por 123 UCE's (20,40%) dos segmentos de texto retidos e conduzida, exclusivamente, por idosas que moravam sozinhas, com idade entre 60 e 69 anos e possuíam ensino médio completo.

As representações sociais construídas apresentam características mais voltadas às situações de aprendizagem e socialização como forma de cuidado para as egressas do curso de Educação para o Envelhecimento Saudável da Universidade Aberta à Maturidade.

A miniteoria que consolida essa classe, na concepção das idosas, afirma que **o curso da UAMA foi bom**, transformou a **vida**, o **mundo das idosas**, deu-lhes a oportunidade de **conhecer a universidade e aprender com professores**, conviver com outros **idosos**, fazer **amigos e lhes ajudou** a serem **pessoas melhores**, a se **sentirem jovens**.

Ao analisar a miniteoria que consolidou essa classe, observa-se que a formação oferecida pela UAMA foi um divisor de águas na vida dessas mulheres, ao referirem que o curso mudou seus mundos e lhe fez serem pessoas melhores, levando a conclusão que o fato de poderem participar de atividades pedagógicas

que lhes proporcionassem maior conhecimento sobre o processo de envelhecimento humano foi de extrema valia, auxiliando-as a enfrentar os problemas e as necessidades oriundas dessa etapa de vida de forma mais consciente, além de lhes proporcionar liberdade de pensamento, reconhecimento de suas potencialidades e capacidades de resiliência, introduzindo-as num mundo de descobertas e de reinserção social e acima de tudo ajudando-as a reinventar a velhice e enfrentar de maneira mais positiva os acontecimentos oriundos do processo de envelhecimento humano e suas consequências.

A convivência com outros idosos, com professores e pessoas jovens também lhes ajudou a aumentar seus círculos de amizade, reestabelecer conexões de convivência salutar, aumentando assim a autoestima e autoconfiança dessas mulheres, levando-as a encontrarem um novo sentido para suas vidas e a um cuidado voltado para si com total entrega e responsabilidade na busca por um novo estilo de viver a velhice, fazendo-as se sentirem mais jovens e confiantes em si mesmas.

As idosas associaram a representação *curso* da UAMA ao cuidado, enquanto espaço de aprendizado e empoderamento frente ao processo de envelhecimento, pois ali buscaram apropriarem-se de conhecimentos que lhes facilitassem o cuidado de si. Suas

falas também sinalizaram que a UAMA é um espaço em potencial de socialização, desmistificando conceitos distorcidos e equivocados de que idosos são incapazes de aprender ou experimentar novas experiências educativas. Os trechos das entrevistas a seguir apontam essa representação social:

[...] a universidade me ensinou muita coisa, porque antes de entrar na UAMA eu só entendia o que era vender bico e renda na minha loja e quando cheguei na universidade obtive muito conhecimento com professores, amigos, doutores (p. 08).

[...] foi um curso que tratada da maneira como o idoso deve se cuidar, tinha orientação de professores, médicos, dentistas, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras, estudamos a cartilha do direito do idoso para conhecer o direito e procurá-lo (p. 05).

[...] a UAMA me completou, foi a melhor fase da minha vida, me sinto outra pessoa, aprendi muito, me desenvolvi em todos os sentidos [...] a UAMA foi a melhor coisa que pôde me acontecer nesse período da terceira idade favoreceu as amizades e o aprendizado (p. 09).

O estudo de Irigaray e Shineider (2007) com 103 mulheres idosas de uma universidade da terceira idade vem reforçar as falas das idosas do nosso estudo, pois concluiu que estes espaços contribuem positivamente para o bem-estar de idosos, atuando como um potencial produtor de uma velhice bem-sucedida, uma vez que oferecem ao idoso a oportunidade de obter suporte emocional, informacional e instrumental, traduzindo resultados positivos no enfrentamento de problemas peculiares ao processo de envelhecimento, favorecendo a manutenção

da saúde e melhorando a condição de vida desses sujeitos na velhice.

A inserção dos idosos no ambiente escolar, além de ser um processo de aperfeiçoamento intelectual, lança mão de novas possibilidades de socialização, pois abre espaço para que possam dialogar e interagir com outros idosos, na consolidação de uma velhice ativa, gerando mudanças significativas no seu modo de vida e resgatando suas reservas inexploradas (LUZ, 2008).

A educação voltada para a população idosa contribui para a manutenção de uma vida com qualidade, preserva sua capacidade funcional e facilita sua permanência no convívio social. Além disso, a educação proporciona novas possibilidades e metas de vida para os idosos, pois a reflexão sobre o seu processo de envelhecimento vem à tona e o idoso passa a buscar alternativas de adaptação, percebendo as suas potencialidades e, conseqüentemente, obtendo uma melhor aceitação e desdobramentos positivos frente a velhice (NOGUEIRA, 2012).

A Universidade foi associada pelas idosas a possibilidade de novas conquistas e novas experiências, no sentido de sentirem-se socialmente visíveis, ou seja, estarem num contexto de ressocialização e valorização, num espaço de ressignificação da velhice onde são capazes de aprender coisas novas,

seja para utilizarem em benefício próprio e/ou daqueles que amam e com boas perspectivas para melhorar sua condição de vida. Os fragmentos de falas apresentados coadunam com a perspectiva de desenvolvimento sociocognitivo e valorização das idosas:

[...] foi um estudo muito bom e aprimorado, agradeço demais a universidade por ter nos proporcionado, eu com 73 anos, a oportunidade de poder agir para mim e para meu esposo que já é idoso com 84 anos (p. 16).

[...] na UAMA aprendi muito porque o contato lá foi muito bom, aprendemos a conviver com outras pessoas da nossa idade, uns mais velhos, outros mais jovens e ao final nos demos muito bem (p. 02).

[...] na UAMA aprendi a dar valor ao idoso, a alimentação, a me sentir valorizado, respeitado, amado. Se não tivesse participado da UAMA não sentia isso, ficaria achando que velho é bom para morrer e acabou (p.10).

Para Pinheiro (2009) o processo educativo inserido na vida do idoso desempenha papel de objetivo, de projeto, enriquecendo a Terceira Idade, pois a busca pelo conhecimento faz com que os idosos se sintam incluídos, tanto no convívio com a família, quanto na sociedade. Acresce-se a esses fatores, a possibilidade de proporcionar satisfação ao se perceberem capazes, novamente, de aprender coisas que não tiveram oportunidade enquanto jovens ou entrarem em contato com as novas tecnologias, inexistentes em algumas décadas e assim sentirem-se ativos.

A aprendizagem ao longo da vida pode acontecer de inúmeras maneiras e não se restringir apenas a lugares formais, nem a direções pedagógicas clássicas, pois na velhice leva-se em consideração o resgate do prazer em aprender, uma vez que a formação ou ascensão profissional já não tem tanto sentido (PINHEIRO, 2009).

Nesse contexto, as Universidades Abertas são espaços acadêmicos cujo objetivo principal é auxiliar os idosos a compreenderem e enfrentarem de maneira positiva o processo de envelhecimento humano, através de processos de interação coletiva, incentivando a participação social e o convívio intergeracional, abrindo possibilidades diversas para a realização de sonhos e estimulando a autonomia, auxiliando assim no processo de cuidado de si. Esses espaços ao promoverem a participação de idosos em atividades grupais cooperam para a mudança no tocante ao fortalecimento da autoestima, incremento de potencialidades e superação de problemas diversos, seja de cunho emocional, social ou físico (BULA, 2003).

Nogueira (2012) sobre essa perspectiva, infere ainda que a participação dos idosos em espaços grupais, como no ambiente escolar em que tem congruidades com suas histórias, promove o intercâmbio desses sujeitos entre si e com a sociedade, pois antes, viviam apenas para cuidar de afazeres domésticos

e/ou trabalho e seu círculo de amizades resumia-se à família, deixando-os isolados e sem perspectivas futuras.

Partindo da premissa que a atividade educativa promove a saúde, o bem estar físico, psicológico e social, as Universidades da Terceira Idade oferecem oportunidades para participação em atividades intelectuais, físicas, sociais, culturais, artísticas e de lazer, além de promovem a cidadania do sujeito (NERI, 2005), logo, a inserção dos idosos em espaços sociais como estes são, essencialmente, fundamentais para o reestabelecimento do sentido de suas vidas, levando a sua ressocialização, além de que, a partir do desenvolvimento cognitivo e estímulos promovidos com o processo ensino-aprendizagem promove-se o seu autoconhecimento que influencia diretamente nas suas condutas e posturas, colaborando com a manutenção da saúde e estimulando o envelhecimento bem-sucedido.

O estudo de Garcia e Leonel (2007) trouxe resultados importantes que auxiliaram na nossa análise, ao revelar que os idosos participantes de suas pesquisas também são pessoas ativas que encaram o envelhecimento de forma natural, como uma fase da vida em que podem adquirir novos conhecimentos, novos lazeres e novas amizades, levando a conclusão de que a inserção dos idosos em espaços universitários que apresentam uma

proposta socioeducativa voltada as suas necessidades, favorecem positivamente a emancipação e cidadania desses sujeitos e incita o desenvolvimento da sua sensibilidade, autoexpressão, autonomia e liberdade, traduzindo-se em melhoria na condição de vida percebida e levando ao desenvolvimento das relações interpessoais o que permite a troca de informações e experiências.

Através da educação os idosos conseguem maior visibilidade e respeito nos cenários familiar e social, engajam-se em projetos adaptados a sua idade e condição de saúde e aprendem e/ou rememoram conceitos importantes para o enfrentamento das dificuldades da terceira idade e ainda apontam positivamente para um processo de conscientização de si e de seus direitos. Segundo Papaléu Neto e Ponte (2007), os espaços educativos para a terceira idade são espaços de cidadania, fontes de aprendizado de novos conhecimentos e aquisição de experiências, proporcionando a integração e reintegração do idoso enquanto ser social, onde surgem o direito a escolha e o exercício de liberdade de opção, logo dignifica o homem e dar um novo sentido à vida.

Independentemente da idade e da condição, estar vivo sugere a possibilidade de aprender, é um movimento que implica no outro, nas relações estabelecidas, na consolidação de experiências, no exercício da imaginação e da

criação, no criticismo (ELMÔR; MADEIRA, 2003). Os mesmos autores complementam afirmando que o processo de aprendizagem não se restringe unicamente a conteúdos específicos, mas envolve novas condições de relação, de prática e de significações, trata-se de um movimento de afirmação de alguém que tem coisas a fazer, a dizer e a buscar.

Nessa perspectiva, a educação na terceira idade pode ser um viés importante para prática do cuidado de si, pois está relacionada com o desenvolvimento cognitivo, da personalidade, do respeito à dignidade do idoso e sua reinserção social na busca pela descoberta da essência da vida na finitude e é esse arcabouço estrutural que contribui para o cuidado de si. Nesse contexto, o cuidado de si é uma forma de proporcionar o desenvolvimento intelectual dos idosos, a sua capacidade crítica, a sua apropriada inserção no meio social e, conseqüentemente, a sua possibilidade de emancipação frente às redes de controle da sociedade (SANTOS, 2010).

É importante o investimento em educação voltada para os idosos, pois ações dessa natureza se desdobram em potencialização da cidadania ampliando sua função social, das múltiplas aprendizagens, das relações sociais e intergeracionais, não se restringindo apenas ao valor assistencial de promoção de saúde dos idosos, mas como uma excelente oportunidade de continuidade de

desenvolvimento durante a velhice e trocas de saberes.

CONCLUSÕES:

Observou-se que as idosas que realizaram o Curso de Educação para o Envelhecimento Saudável da Universidade Aberta à Maturidade – UAMA, na busca por novas experiências e novas aprendizagens, descobriram nesse espaço educativo um novo mundo de motivações, o que lhes possibilitou o desenvolvimento das relações interpessoais através da troca de informações e experiências e da construção de novas amizades proporcionando-lhes reinserção e maior visibilidade social, além de ajudá-las a desenvolver maior senso crítico em relação às questões que permeiam o processo de envelhecimento e a empoderarem-se para enfrentar suas consequências de maneira mais responsável e consciente, revelando de maneira positiva a importância do cuidado de si para a conquista de uma velhice mais saudável em todas as suas dimensionalidades melhorando sua condição de saúde e de vida.

De fato, a formação proposta pela UAMA conferiu uma maior aproximação dessas idosas com o conhecimento científico, levando-as a compreenderem os fenômenos que assolam a velhice, consequências e cuidados, e a adotarem posturas mais condizentes e conscientes em relação às

necessidades reais e potenciais da terceira idade. Por meio do traçado construído frente a esse movimento cuidar/cuidado/UAMA, que conduziu espontaneamente a entrevista com essas idosas, foi possível compreender como se estabelecia o entrecruzamento das estratégias de cuidado, enquanto relação consigo mesmas, e como ia sendo produzida a normalização da conduta desses idosos, o que proporcionou estabelecer comparações entre os grupos de estudo.

Fica evidente que as representações sociais do aprender na velhice, inferidas pelas idosas que fizeram a formação da UAMA, sinalizaram posicionamentos positivos em relação a conceitos e condutas que regem as ações de cuidado levando a atitudes e reações apropriadas a um estilo de velhice saudável, demonstrando assim a necessidade de se integrar ações educativas em todos os projetos sociais voltados aos idosos, criação de políticas públicas que assegurem esse movimento de troca e de aprendizado mais direcionado e reificado (ciência), que atenda às necessidades dos idosos, perante suas limitações, perdas e condições de saúde.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, V. S. **Educação em Saúde para Idosos na Atenção Básica: Olhar dos Profissionais de Saúde.** 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) –

Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos** [Internet]. Saúde Legis – Sistema de Legislação da Saúde, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 12 dez. 2012. [acesso em 2015 mar 23]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Caderno de Atenção Básica. Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa**. Brasília, 2006.

BULLA, L. C., SANTOS, G. A., PADILHA L. **Participação em atividades grupais**. In: DORNELLES, B., COSTA, G. J. C., organizadores. Investindo no Envelhecimento Saudável. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p.179-90.

ELMÔR, T., MADEIRA, M. C. **O idoso e o aprender**. In: Jornada Internacional 3.; 2003; Rio de Janeiro [e] Conferência Brasileira Sobre Representação Social 1.; 2003; Rio de Janeiro. Relações entre práticas e representações. Rio de Janeiro; 2003. p 2110-24.

GARCIA, A., LEONEL, S. B. **Relacionamento interpessoal e terceira idade: a mudança percebida nos relacionamentos com a participação em programas sociais para a terceira idade**. Pesquisas e Práticas Psicossociais [Internet]. 2007 [acesso em 2014 out 10];2(1):130-9. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000109&pid=S1413-7372201000040001000013&lng=pt.

IRIGARAY, T. Q., SCHNEIDER, R. H. **Características de personalidade e depressão em idosas da Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS)**. Rev Psiquiatr RS [Internet]. 2007 [acesso em 2014 fev 27];29(2):169-75. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n2/v29n2a08>.

LUZ, M. C. **Educação musical na maturidade**. São Paulo: Som; 2008.

MARTINS, C. M. (Org.). **Educação e saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV / Fiocruz, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

NERI, A. L. (Org). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001.

NERI, A. L. (Org). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001.

_____. **Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papirus editora; 2001.

_____. **Atitudes em relação à velhice**. In: _____, organizadora. Palavras chaves em gerontologia. 2. ed. Campinas: Alínea; 2005. p.13-5.

NOGUEIRA, J. M. **Idosos inseridos em modalidades educacionais e o comportamento para promoção da saúde: fundamentos para o cuidado clínico de enfermagem** [Dissertação] [Internet]. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará; 2012. [acesso em 2015 ago18]. Disponível em: <http://www.uece.br/cmaccis/dmdocuments/Jessica%20de%20Menezes%20Nogueira%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>

PAPALÉU NETO, M., PONTE, JR. **Envelhecimento: desafio na transição do século.** 2. ed. São Paulo: Atheneu; 2007.

PINHEIRO, G. A. D. **Educação e envelhecimento: atividade intelectual na terceira idade** [Dissertação] [Internet]. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá; 2009. [acesso em 2015 fev 2]. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2009_geisa_dariva.pdf.

RATINAUD, P., MARCHAND, P. **Application de la méthode ALCESTE à de "gros" corpus et stabilité des "mondes lexicaux": analyse du "Cable-Gate" avec IraMuTeQ.** In: Actes Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles [Internet]. 2012 [acesso em 2014 jun 3];11:835-44. Disponível em: <http://lexicometrica.univ-paris3.fr/jadt/jadt2012/Communications/Ratinaud,%20Pierre%20et%20al.%20-%20Application%20de%20la%20methode%20Alceste>

SANTOS, S. S. C. **Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica.** Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2010 [acesso em 2013 out 10];63(6):1035-9. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000600025&script=sci_arttext

SMELTZER; S.C; BARE, B.G. **Brunner & Suddarth: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RAMOS, L. R. **Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. Caderno de Saúde Pública.** Jun 2003, vol 19, nº 19.

SANTOS, M. C. R. **O cuidado de si e a velhice: a contribuição de Michel Foucault.** E-civitas Revista Científica do Departamento de Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais do UNI-BH [Internet]. 2010 [acesso em 2014 ago 22];3(1):1-18. Disponível em: <http://revistas.unibh.br/index.php/dcjpg/article/viewFile/66/41>

SILVA, M. C. **O processo de envelhecimento no Brasil: desafios e perspectivas.** Textos sobre envelhecimento. Vol 8, nº 1. Rio de Janeiro, 2005.

VERAS, R. P; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e Saúde Coletiva.** Abr/Jun 2004, vol 9, nº 2.